



GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Universit  de Liege) - Debatedor/a

O Grupo de trabalho Antropo ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

Um museu de imagens vivas: metáforas para uma etnografia poética e política

Autoria: Carolina Machado dos Santos

O Teatro do Oprimido é um sistema est tico - amplamente difundido na América Latina ? que se utiliza do potencial das linguagens artísticas, concebidas como Palavra, Imagem e Ritmo, para apoiar indivíduos e suas comunidades a desmecanizarem seus próprios corpos e subjetividades, para que nos tornemos sujeitos ativos de nossas próprias vidas, compreendendo melhor a realidade social para transformá-la. Como praticante do TdO há mais de 10 anos, participei da cria o de um grupo de mulheres na minha cidade (Goiânia, Brasil) com o objetivo de criar interven es principalmente contra a violência patriarcal, o sexismo e o racismo. Assim, em 2011, surgiu o Núcleo Ocupa Madalena, que atualmente é parte da Rede Madalena Internacional de Teatro das Oprimidas. No presente work narro algumas práticas de meu grupo de teatro das oprimidas a partir das perspectivas e experimenta es etnográficas e auto-etnográficas. Parto da seguinte pergunta: faz sentido estudar a prática de um grupo de teatro que não a partir do teatro mesmo? Ou seja, que melhor maneira de refletir que não a partir de um processo est tico desenvolvido para esse fim? O que emergiu, como metodologia de pesquisa e interven o, de forma a construir uma das possíveis histórias do nosso grupo, foi a retomada de um exercício est tico que chamamos de 'Museu de imagens vivas'. Desta forma nós, teatralmente, criamos um museu de memórias afetivas de nossas práticas que também serve como uma ferramenta metodológica de reflexão. Portanto, meu objetivo é apresentar a discussão sobre como o núcleo desenvolve sua práxis e como se correlaciona com teorias feministas e descolonial por um lado, e por outro lado, defender as formas est ticas como formas de produ o de sentidos. Propor como, a partir da crítica descolonial e propostas etnográficas outras, podemos incorporar o valor cognitivo da produ o artística   produ o de conhecimento situado e comprometido com as lutas dos oprimidos e oprimidas. A partir da narra o desse ?museu de imagens vivas? busco delinear pelo menos três desses espaços, compreendidos



como projeto local, construção de redes e de conhecimento situado. Nesse esforço de traduzir as práticas do Teatro das Oprimidas como uma luta de mulheres do sul, delineei alguns mecanismos, estratégias e práticas através das quais podemos: a) defender uma dinâmica entre teoria e práxis que favoreça as experiências de grupos, coletivos e movimentos sociais feministas como possíveis lugares de enunciação; b) rejeitar hierarquias que desvalorizem ou secundarizem o papel das artes e de uma estética das oprimidas; c) contribuir para a construção de metodologias artísticas criativas que nos apoiem na construção de outras etnografias.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

